

QUEREMOS SABER O QUE ANDAM A ESTUDAR!



PALÁCIO AZURARA – AZULEJOS E RESTAUROS: MUSEU DE ARTES DECORATIVAS PORTUGUESAS

Cidália Bento

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA) e Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

[tese de doutoramento]

RESUMO

A nossa investigação incide sobre o Palácio Azurara, situado nas Portas do Sol, em Lisboa, prevendo-se apresentar, em linhas gerais, a proposta de estudo sobre as obras que nele foram sendo realizadas ao longo dos séculos e, em particular, sobre os seus azulejos. Pretendemos aprofundar o estudo e a análise do conjunto, bem como perceber as suas origens, proprietários, obras, autores, datações e encomendas, relacionando-os de modo a poder apresentá-los como um conjunto museológico a preservar e divulgar, no contexto de uma instituição aberta ao público – o Museu de Artes Decorativas Portuguesas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

No âmbito da dissertação, consideramos fundamental estudar todo o processo de obras, restauros e adaptações neste edifício. Muito embora não se possa afirmar o ano em que foi iniciada a construção, nem por quem, trata-se, provavelmente, de uma edificação seiscentista. Assim o indicam os registos no Tombo de 1573, ano a que se lhe faz referência com a informação de que existiam neste sítio três moradias de casas de loja e sobrado, mas que podem não ter sido as que deram núcleo central ao palácio. Refere-se que essas casas estavam apoiadas e encravadas na muralha da Cerca Moura e entre duas torres, uma delas desaparecida e a outra que ainda resiste de pé.¹ O edifício foi objeto de várias intervenções realizadas por proprietários como Bernardo Luís da Câmara Sotomaior, que residia no palácio aquando do Terramoto de 1755, João Salter de Mendonça (1º Visconde de Azurara), entre 1789 e 1819, o filho de João Salter de Mendonça, com o mesmo nome (2º Visconde de Azurara), e Pedro da Cunha, que vivia no palácio em meados do terceiro quartel do século XIX. Estão ainda identificados restauros e transformações no século XVIII e no XX,² e, entre 1870 e 1943 teve várias ocupações: Colégio, Sede do Estado-Maior do Exército, Hospital e habitação plurifamiliar. Já em 1943 foi alvo de partilhas acabando por ser vendido a João Fernandes Baptista. Finalmente, em dezembro de 1947, Ricardo Espírito Santo interessa-se pela simbologia cultural do palácio e adquire-o com o intuito de nele realizar um projeto museológico convidando, para tal, o arquiteto Raul Lino. Nasce, assim, o Museu de Artes Decorativas Portuguesa, no contexto do qual se reaplicaram alguns revestimentos azulejares provenientes de outros edifícios, para a valorização de espaços.³

O Palácio ostenta, atualmente, um pórtico de estilo clássico e uma escadaria extraordinária com um silhar de azulejos azul e branco. Com a fachada principal virada para o largo das Portas do Sol (com seis janelas de sacada), outras duas para o largo de Santa Luzia (com oito janelas) e a última para a travessa de Santa Luzia (com sete janelas), situa-se dentro e fora da cerca moura. Terá sido, muito provavelmente, uma residência

vasta e sumptuosa mas as diversas utilizações posteriores implicaram a sua divisão em dezenas de compartimentos, o que o poderá ter descaracterizado.

No que diz respeito ao estudo dos azulejos do palácio, importa analisar a sua relação com a construção do edifício e as sucessivas transformações operadas ao longo do tempo, uma vez que os cerca de vinte e cinco espaços incluem revestimentos azulejares – rodapés, silhares e figuras de convite – numa cronologia que se estende desde o final do século XVII até ao período neoclássico. Uma outra perspectiva de investigação prende-se com a deslocação dos mesmos e um dos objetivos será traçar os seus (des)caminhos.⁴ Na verdade, um foco muito importante do nosso trabalho salienta a suma significância azulejar daquele monumento, de que são exemplo os painéis de tipologia figurativa cuja proveniência – a antiga capela do palácio – ainda está a ser confirmada;⁵ ou os painéis aplicados no átrio aquando da compra do edifício, em 1947, pelo banqueiro Ricardo do Espírito Santo Silva, e que retratam cenas do Novo Testamento – *Nascimento de Cristo e Visitação*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ - Araújo, Norberto (1945). *Inventário de Lisboa*. Fascículo 2. Lisboa: Câmara de Lisboa.

² - Silva, Augusto Vieira da (1987). *A Cêrca Moura de Lisboa: Estudo histórico descritivo*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 3ª edição.

³ e ⁵ - Araújo, Norberto (1950). *Inventário de Lisboa*. Fascículo 7. Lisboa: Câmara Municipal.

⁴ - Alves, A. N., Frade, M., Fortuna, P., Cardeira, A. & Cardeira A. M. “À Descoberta da Coleção de Azulejos da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa”, in *III Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX, ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, pp. 461-472. [Consulta a 2019-01-06] [Disponível em:

https://www.academia.edu/35514136/%C3%80_descoberta_da_cole%C3%A7%C3%A3o_de_azulejos_da_Faculdade_de_Belas-Artes_da_Universidade_de_Lisboa_-_2016

PALAVRAS-CHAVE

Palácio; Museu; Restauros; Azulejo

NOTA BIOGRÁFICA

Iniciou a sua formação em conservação e restauro do património edificado na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra (EPRPS), em 1989, onde despertou o seu interesse pelo património azulejar. Frequentou a Licenciatura em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar (IPT). Concluiu o Mestrado em Conservação e Reabilitação na Escola Superior de Artes Decorativas (ESAD) em 2012. Foi galardoada pelo SOS Azulejo em 2012 pela sua Dissertação de Mestrado. Desde 1994 que leciona Conservação e Restauro de Azulejo, inicialmente na EPRPS (até 2006) e, posteriormente, na ESAD (até 2018). Integra o Departamento de Conservação e Restauro da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva desde 2008. Desde 1994 que participa na conservação e restauro do azulejo em Portugal. Em setembro de 2018, ingressou no Doutoramento em Belas Artes (área de Ciências da Arte e Património), na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, com o projeto de investigação intitulado “Palácio Azurara – Museu de Artes Decorativas Portuguesas: Restauros e Azulejos”.